

PENDENGAS E
QUERELAS NA
INTELLIGENTSIA
BRASILEIRA: Romero
versus Bomfim

Claudefranklin Monteiro Santos*

disagreement and quarrels IN
BRAZILIAN intelligentsia: Romero
versus Bomfim

RESUMO

No ano em que se comemora o Centenário de falecimento de um dos maiores críticos da intelligentsia brasileira, Sílvio Romero, nada melhor do que discuti-lo por uma de suas melhores facetas: a polêmica. Nesse sentido, o presente artigo quis fazê-lo a partir de sua divergência com outro sergipano não menos importante no cenário nacional: o médico Manoel Bomfim. Uma boa oportunidade para revisitar aquele momento singular da cultura nacional.

Palavras-chave: Sílvio Romero – Manoel Bomfim.

ABSTRACT

In the year that commemorates the Centenary of the death of one of the biggest critics of the Brazilian intelligentsia, Sílvio Romero, nothing better than discussing it with one of his best facets: the controversy. In this sense, this article would do it from your disagreement with another no less important Sergipe on the national scene: the doctor Manoel Bomfim. A good opportunity to revisit that singular moment of national culture.

Keywords: Sílvio Romero – Manoel Bomfim.

* Doutor em História pela Universidade Federal de Pernambuco. Pesquisador do Grupo de Pesquisa Cultura, Identidades e Religiosidades (GPCIR). Sócio e atual Segundo Tesoureiro do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGSE). Professor do Departamento de História da Universidade Federal de Sergipe. E-mail: franklinmonteiro@oi.com.br.

O presente artigo bem que poderia ser intitulado da seguinte maneira: “Sílvia Romero, o Bruto”. Confesso que quase fui rendido pela tentação de assim chamá-lo. Mas, diante da grandiosidade do sujeito, achei por bem não fazê-lo e ater-me a sua antipatia intelectual para com seu conterrâneo sergipano, não menos grandioso, Manoel Bomfim.

Não era incomum este tipo de relacionamento entre os intelectuais do final do século XIX e princípios do XX. É bem verdade que alguns deles constituíram parcerias memoráveis, sobretudo no campo do mercado editorial, com livros voltados para a educação escolar. Isto aconteceu tanto com Romero, assim como a Bomfim. Este último, em 1910, lançou com o poeta carioca, Olavo Bilac, um dos mais célebres livros didáticos da história da educação brasileira: “Através do Brasil”. Um sucesso editorial sem precedentes.

O fato é que os dois sergipanos foram protagonistas de umas das pendengas intelectuais mais polêmicas de suas épocas. O episódio foi tratado pela primeira vez em 1999, pelo biógrafo de Manoel Bomfim, o escritor Ronaldo Conde Aguiar, no livro “O Rebelde Esquecido¹”. Entretanto, até a presente data, a questão não mereceu uma atenção particular e maior. Durante quinze anos, ensaiei escrever algo que pudesse contribuir mais com a temática, mas nunca havia encontrado uma oportunidade como a que agora se nos apresenta: o da rememoração dos cem anos de falecimento de Sílvia Romero (1914).

Silvio Vasconcelos da Silveira Ramos Romero, natural da cidade sergipana de Lagarto (21 de abril de 1851), ao longo dos anos, ostentou entre seus pares a peja de poderoso. Era virulento para com seus desafetos, fazendo uso, inclusive, de ataques de ordem pessoal. Ocupou um espaço que poucos de sua geração puderam alcançar. Isto lhe deu o direito de rogar-se inquestionável em autoridade intelectual. A exemplo de seus contemporâneos, ele procurou desmoralizar seus opositores, arrotando uma sabedoria que somente a ele cabia o potentado.

¹ AGUIAR, Ronaldo Conde. *O Rebelde Esquecido*. Tempo, Vida e Obra de Manoel Bomfim. Rio de Janeiro: Topbooks, 1999.

Manoel Bomfim, um médico de formação, nascido em Aracaju no dia 08 de agosto de 1868, ao contrário de Romero nunca foi dado aos louros da glória. Viveu dois dramas pessoais que o marcaram profundamente: a morte da filha e a doença que o levou a óbito em 22 de abril de 1932. Apaixonou-se pela educação e em muito esteve às voltas com ideias como as que foram defendidas por Anísio Teixeira, para quem a democracia republicana só seria plena se a escola pública fosse a sua máquina geradora².

No que diz respeito aos intelectuais sergipanos em questão, Romero e Bomfim, ou Romero versus Bomfim, vale demarcar o início das pendengas e querelas entre eles. Para tanto, faz-se necessário recuar ao ano de 1902. Naquele ano, Manoel Bomfim foi comissionado pela Prefeitura Municipal do Distrito Federal (Rio de Janeiro) para ir à Europa, a fim de estudar Psicologia Experimental, outra faceta do médico aracajuano de então.

E experiência em Paris, França, lhe rendeu uma série de anotações, que deram a ele as condições para escrever nos anos seguintes aquela que seria, mais tarde, considerada a sua obra-prima: “América Latina, Males de Origem”. É neste particular, portanto, que a querela mais famosa do início do século XX vai ganhar corpo, pois até 1905, ano de lançamento do livro, Manoel Bomfim jamais havia recebido tanta atenção de seu primaz desafeto, o poderoso Sílvio Romero. Este era o mais eminente representante de uma intelectualidade que concebia o povo brasileiro como infantil ou semibárbaro. Sílvio propugnava em contraposição a Bomfim, o branqueamento da população como a única solução para o chamado “defeito de formação” étnica ou raça, como se empregava o termo na época.

Apontar a educação e não o branqueamento como solução para o país era comprar briga, ainda que não tivesse sido a intenção de Bomfim, com uma maioria que a apontava as teorias científicas racistas como irrefutáveis. Como médico, Bomfim percebeu o Brasil, por meio

² SILVA, Adriana Vera e. Anísio Teixeira – Ele Rimou Ensino com Democracia. In: *Revista Nova Escola*. São Paulo: Abril, 1998. p. 38.

de uma revisão histórica, como um organismo doente, mas curável. O atraso da nação era a doença e a ignorância o vírus contagioso. O “remédio” seria a educação.

Esta ideia ganhou força nas primeiras décadas do século XX e via na instrução pública uma estratégia significativa para romper com o que os ilustrados chamavam de falta de progresso. Para eles, a sociedade brasileira precisava se regenerar e ao povo cabia o direito de ter acesso às luzes do saber, por meio da escola. Nada disto seria possível sem uma legislação que favorecesse aquela demanda visceral, da qual carecia a construção de uma compreensão mais cidadã de republicanismo³.

Com a implantação da República no Brasil, particularmente, em seus primeiros momentos, alguns temas dominaram o cenário das discussões políticas e intelectuais, estando a cidade do Rio de Janeiro entre os palcos mais privilegiados para este clima. Os chamados “construtores” do novo regime, ainda buscavam se acostumar e conviver com ideias como nação e cidadania, equilibrando-se entre aquilo que era individual e coletivo.

Nesse sentido, vale ressaltar o que nos diz a respeito o historiador José Murilo de Carvalho: “Substituir um governo e construir uma nação, esta era a tarefa que os republicanos tinham de enfrentar. Eles enfrentaram de maneira diversificada, de acordo com a visão que cada grupo republicano tinha da solução desejada⁴”.

Segundo a historiadora Sandra Jatahy Pesamento, o que prevaleceu mesmo, com o novo regime, foi o estabelecimento, num plano nacional, de Estado burguês, baseado num liberalismo excludente, controlado pelas elites. Ver-se como cidadão era algo complexo e quase irreal, pois ao povo cabia apenas obedecer e cumprir deveres e exercer direito algum, quiçá gozar de uma educação qualificada. No Brasil repu-

³ SILVA, José Maria de Oliveira. *Da Educação à Revolução – Radicalismo em Manoel Bomfim*. Dissertação de Mestrado em História Social. USP, São Paulo, 1991.

⁴ CARVALHO, José Murilo de. Entre a Liberdade dos Antigos e a dos Modernos: a República no Brasil. In: *Revista de Ciências Sociais*, Vol. 32, nº 03, Rio de Janeiro, 1989. p. 271.

blicano, dominar era sinônimo de manter a ordem e, necessariamente, privilegiar e excluir⁵.

Em que pesem tais considerações, também houve quem defendesse a instrução pública como aporte de um Estado, de uma nova ordem, que precisava reordenar as categorias sociais e fazer um competente e eficiente controle das massas, capaz de amansá-las e servi-las aos propósitos de uma elite burguesa em ascensão.

A tônica dual sobre o futuro da nação também afetou o quadro da intelectualidade brasileira e colocou frente a frente duas proposituras díspares e dois sujeitos de comportamento e visões de mundo completamente diferentes. Representantes, como se viu, de duas correntes de pensamento que demarcaram, também, o lugar que cada um ocupou naquele cenário. Em tese, teria sido a luta de Davi contra Golias, sem incorrer-se, é claro, na contenda entre o bem e o mal. Mas entre um “rebelde esquecido”, como nos quis fazer crer Ronaldo Conde Aguiar, e um polemista de primeira linha, na alcunha de um “gigante”, como o classificou o pernambucano Gilberto Freyre⁶.

O processo de instalação do novo regime foi, de algum forma, o condicionante dos ânimos e as discussões em torno dele sua propulsão para toda ordem de “vontades utópicas”⁷ e malogradas tentativas de firmar um horizonte, minimamente, coletivo para uma nação em frangalhos, cuja sanha militar-coronelista a impediram de avançar em termos democráticos e educacionais. As contendas entre os intelectuais representaram aquele clima de particularismos de toda ordem.

Por ocasião do lançamento do livro “América Latina, Males de Origem”, Sílvio Romero já ostentava a fama de um intelectual de primeira linha e grandeza, notório, também, pela exímia capacidade de criticar e destroçar a escrita e os escritores contrários as suas posições. Assim, de

⁵ PESAVENTO, Sandra Jatahy, *O Cotidiano da República: Elite e Povo na Virada do Século*. 4 ed. Porto Alegre: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1998.

⁶ FREYRE, Gilberto. O Gigante Sílvio Romero. In: *Correio Popular*. Campinas, 22 de abril de 1951.

⁷ MONARCHA, Carlos. *A Reinvenção da Cidade e da Multidão – Dimensões da Modernidade Brasileira: a Escola Nova*. São Paulo: Cortez/Editores Associados, 1989. p. 47.

um lado havia um “monstro” da intelectualidade brasileira, o chamado “rei da polêmica”, do outro, um sujeito sem muita expressão, audaciosamente capaz de desconcertar os mais balizados com argumentos racionais, claros e concisos que lhe rederam a alcunha de “rebelde”. Ou ainda, de pessoa não grata, um estranho em ninho de cobras criadas.

Afora isto, à época do lançamento do livro “América Latina”, muitos dos intelectuais que haviam estado em Paris, voltavam ao Brasil com um status renovado. Eles haviam tomado um banho de civilização aos olhos de seus pares e contemporâneos e eram, portanto, convidados a frequentarem sessões, ondem podiam expor diversos temas que remetessem, de algum modo, às novidades culturais trazidas do Velho Mundo. Eram as chamadas Conferências Literárias, das quais Bomfim chegou a frequentar e até dissertar sobre temas em voga, como o cinema. Ou seja, Manoel Bomfim entrava na roda dos notáveis e certamente incomodou ao que há algum tempo já se beneficiavam das luzes e glórias da fama, como o seu desafeto Sívio Romero.

Incontestavelmente, a reforma remodeladora da capital carioca, levada a cabo por Pereira Passos, colaborou sobremaneira para desmantelar um passado provinciano do Rio de Janeiro, palco daquele novo momento cultural do Brasil. Numa época de forte necessidade de afirmação identitária, paradoxalmente buscou-se forjar um modelo baseado à luz dos moldes franco-anglicanos, que entendiam a civilização à moda europeia.

A ideia de neocolonialismo brasileiro, verificado na análise de Jeffrey Needell, revelado, especialmente, a partir de 1898, demonstra um novo tipo de dependência. A cultura imposta pela chamada “Belle Époque” traz à tona a necessidade de europeizar o Brasil sob o ponto de vista cultural francês e econômico, inglês⁸.

Nesse particular, Sívio Romero teria dado uma importante contribuição na análise da realidade brasileira, ainda que tenha sido

⁸ NEEDELL, Jeffrey D. *Belle Époque Tropical: Sociedade e Cultura de Elite no Rio de Janeiro na Virada do Século*. Tradução: Celso Nogueira. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

classificada como tosca por seu viés racista, marcadamente na tese que defendera sobre o embraquecimento. Seu mérito esteve em, a exemplos de outros, usar em suas análises e escritos as armações brasileiras com lentes europeizantes, propugnando uma imagem menos romântica do Brasil e mais racional.

Em grande parte das biografias e estudos sobre Sílvio Romero, ele aparece como um crítico polemista. Isto tornou parte de sua essência criativa e marcou seus relacionamentos com seus contemporâneos e pares. Um trabalho, em especial, nos ajuda a entender melhor essa faceta do gênio da sergipanidade. Trata-se do livro de Roberto Ventura, “Estilo Tropical”. O autor apresenta Romero como um referencial para entender as polêmicas entre os intelectuais brasileiros do final do século XIX e início do século XX, notadamente, entre os anos 1870 e 1914 (momento mais crítico desses embates literários e também políticos).

Ventura destaca, ainda, a força das explicações naturalistas, como predominantes, na naquela intelectualidade, tendo como pano de fundo a análise de Araripe Júnior. Nesse aspecto, o clima, a raça e o meio seriam os ingredientes fundamentais para interpretar a realidade nacional brasileira. Para o autor, duas correntes de interpretação puderam se formar naquele contexto: uma que foi marcada pelo ufanista e outra pelo cosmopolitismo⁹.

Nesse sentido, Ventura aponta como traços característicos de Sílvio Romero. O sujeito do discurso polêmico (antes de 1888) e o sujeito das polêmicas (1870 em diante). Seus ataques se confundiam, algumas vezes, com as paixões políticas, às quais tornaram seus posicionamentos, necessariamente, personalistas.

Por outro lado, é possível perceber em Sílvio Romero um comportamento polemista que lhe imprimiu outra marca da influência da teoria da seleção das espécies de Charles Darwin: “(...) na ótica de Romero e de seus contemporâneos, cabia à polêmica contribuir para o processo de seleção e depuração das obras e escritores, lançados ao público na

⁹ Cf. VENTURA, Roberto. *Estilo Tropical: História Cultural e Polêmicas Literárias no Brasil (1870-1914)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

luta pela existência”.¹⁰ Nesse caso, Bomfim estaria entres as “espécies” mais fracas, tolhidas pela força das mais fortes, não encontrado maneiras eficientes de se adaptar e sobreviver?

O fato é que afora Bomfim, Sívio esteve entre algumas das principais polêmicas entre os intelectuais brasileiros. No que diz respeito à defesa de sua “etnologia racista” Divergiu de Araripe Júnior. Debateu longamente com Teófilo Braga. Atacou Machado de Assis, sem que este lhe tivesse dedicado sequer uma linha de réplica, preferindo o silêncio. Polemizou com José Veríssimo, o qual saiu em defesa de Machado. A roupa suja era lavada em público e muitas vezes se feriam a tão propalada honra do sujeito. Às vezes, não as polêmicas não tinham nem razão de existir, pois o polemista se contradizia.

Logo se percebe, também, que não era uma tarefa fácil ser aceito naqueles círculos fechados, onde nem sempre o talento era a senha. Era preciso ter alguns dotes e gozar de meios para infiltrar-se. Bomfim se notabilizou pela qualidade de sua obra, pelo ineditismo de suas ideias e por ter tido a oportunidade de ir a Paris e voltar com o verniz de intelectual refinado. Entretanto, não era fácil manter-se neles, sobretudo quando seu principal opositor se sentia ameaçado pela novidade bomfiniana e este já gozar de um indiscutível prestígio.

Como diria Ronald Conde Aguiar, os livros publicados eram a munição para os críticos todos de plantão, não somente Sívio Romero, que se notabilizou exatamente pela crítica. Eles chegavam às livrarias com “indefectível cheiro de pólvora”. As tintas dos críticos eram, naturalmente, carregadas de munição de grosso calibre: “(...) um crítico qualquer salivava ao molhar a pena no tinteiro de nitroglicerina¹¹”.

A agressividade de Sívio fora tamanha para com seu conterrâneo que aquele lampejo de glória sucumbiu ao ofuscamento de Bomfim, que teria caído no esquecimento, embora eu prefira não acreditar assim, dada a importância que sua obra seguiu tendo gerações adentro, até

¹⁰ Idem. p. 80.

¹¹ AGUIAR, Ronaldo Conde. *O Rebelde Esquecido*. Tempo, Vida e Obra de Manoel Bomfim. Rio de Janeiro: Topbooks, 1999. p. 89.

alcançar nossos dias. Prova disto, além das muitas teses e dissertações surgidas nas universidades, pode ser encontrada em um contemporâneo seu, após vinte e quatro anos das críticas de Romero.

Nas memórias de Humberto de Campos, em 1928, os dois teriam se encontrado no Hotel D. Pedro, em Correias, por ocasião de uma palestra de Manoel Bomfim. Além de descrever fisicamente o sergipano, com detalhes e destacando alguns dos sinais mais claros da velhice, já combalido pela doença, Humberto destaca no autor a aversão à vã glória e à necessidade de estar sempre justificando suas obras e suas posições, seja em público, seja para os críticos¹².

Entretanto, mais adiante, por ocasião do falecimento de Bomfim, para ser mais exato, três dias após, em 25 de abril de 1932, atribui o que poderia ser o crepúsculo do esquecimento, o fato de sua geração o ter isolado. Não somente pela originalidade, mas também por seu temperamento. Tendo perdido uma filha e se sentido inútil por não conseguir salvá-la, ele retraiu-se e colecionou poucas amizades fora as do campo editorial. E foi nesse recolhimento que talvez tivesse contribuído para dar evidência e força aos efeitos da crítica de Romero, no passado¹³.

A tese do esquecimento foi defendida por seu biógrafo Ronaldo Conde Aguiar. Ela a fundamenta em algo que esteve além das críticas de Romero, embora estas tivessem contribuído para isto, mesmo sabendo que Bomfim e sua obra seguiram firmes até os anos 40, ressurgindo nos anos 90. Para Aguiar a arquitetura do esquecimento em torno da figura de Manoel Bomfim teve um capítulo especial devido ao seu claro antimilitarismo, que lhe rendeu uma vigilância por parte do Departamento de Propaganda da Era Vargas, no sentido de não reeditar mais seus livros, estendendo aos jornais e revistas.

Para Franklin de Oliveira, o que motivou Sílvio Romero foi a inveja,

¹² CAMPOS, Humberto de. A Nossa Formação Étnica – o Brasil na América, de Manoel Bomfim. In: *Crítica – Primeira Série. Obras Completas de Humberto de Campos*, vol. 21. Rio de Janeiro/São Paulo/Porto Alegre: Gráfica Editora Brasileira Ltda: 1951. pp. 11-27.

¹³ CAMPOS, Humberto de. Manoel Bomfim. In: *Sepultando os Mortos (Crônicas)*. Obra Póstuma (Obras Completas de Humberto de Campos, vol.8). Rio de Janeiro/São Paulo/Porto Alegre: Gráfica Editora Brasileira Ltda: 1951. pp. 29-34.

devido ao que ele chama de a “virtude dos perversos”, de que teria herdado de Tobias Barreto, gênio, mas desprovido de ternura humana¹⁴.

A este respeito, vale destacar o que nos diz Darcy Ribeiro:

(...) o pensamento de Manoel Bomfim era tão novo, tão original e tão contrastante com o discurso científico oficial, que todos os basbaques brasileiros, e entre eles Sílvio Romero, só podiam ficar perplexos. Sílvio, sergipano como Manoel, velho, não suportou que um rapaz tão jovem, escrevesse com tamanha ousadia.¹⁵

O conjunto da obra de Manoel Bomfim e não somente um único livro, foco de discussão da discórdia entre os dois notáveis intelectuais sergipanos, chama a atenção para um aspecto que eu considero fundamental, não só para sua compreensão teórica, como para o valor de suas ideias: a visão da realidade brasileira por suas entranhas; a análise do Brasil e dos brasileiros por eles mesmos.

Autora de uma tese de Doutorado que teve como norte de análise o pensamento geográfico bomfiniano, a historiadora sergipana, Terezinha Oliva, assim se expressou sobre a presença dele no cenário intelectual: “Descobrir Bomfim é uma surpresa e uma provocação. Seu discurso áspero dói como uma denúncia. Seu estilo agressivo e verboso, ora desafia a persistência do leitor, ora o envolve pela curiosidade de saber até onde vai o autor”.¹⁶

Levando-se em consideração a faceta de rebelde atribuída a Manoel Bomfim por seu principal biográfico, Ronaldo Conde Aguiar, eu venho a algum tempo tentando entender a sua construção no tecido histórico e social de seu tempo e na atualidade. Nesse sentido, interessa-me sa-

¹⁴ OLIVEIRA, Franklin de Manoel Bomfim, o nascimento de uma nação. In: BONFIM, Manoel. *A América Latina: Males de Origem*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1993. p. 24.

¹⁵ RIBEIRO, Darcy. Manoel Bomfim, antropólogo. In: BONFIM, Manoel. *A América Latina: Males de Origem*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1993. p. 13.

¹⁶ OLIVA, Terezinha Alves de. *O Pensamento Geográfico de Manoel Bomfim*. Tese de Doutorado. Rio Claro. São Paulo (Instituto de Geociências e Ciências Exatas da UNESP). 1998. p. 12

ber em que medida aquela peja teria relação com a crítica de Romero, uma vez que este lhe dirigiu vinte e cinco artigos contra apenas dois de Bomfim, reduzido ao pejorativo apelido de “Manoelzinho”.

A meu ver, Manoel Bomfim foi mais representado como rebelde do que ter tido a intenção de sê-lo ao escrever uma obra que contrariou seus pares defensores da eugenia para explicar a natureza humana e o atraso do Brasil. Em que pese tal consideração, fico com a definição de István Jancsó sobre a definição de rebelde, ao que nos parece, mais condizente com o médico sergipano:

(...) o rebelde não é necessariamente o arauto do progresso, um profeta dos novos tempos, nem um revolucionário que desmonta carcomidas estruturas. O seu papel é outro. Radicalmente comprometido com as lutas muitas vezes improváveis, ele é um sinalizador dos grandes embates do futuro, aqueles realmente decisivos que se avolumam, de tempos em tempos, no horizonte dos povos¹⁷.

Por outro lado, é possível dizer da verve de Bomfim um viés radical, capaz de eivar de ódio a Romero. Esta outra faceta está presente no trabalho de José Maria de Oliveira, para quem ele se nutria de um nacionalismo mais nacionalista do que o que Sílvio ostentava em sua obra, sobretudo, na defesa por uma educação pública melhor.

No que diz respeito a este particular, pode-se perceber uma posição um tanto quanto dúbia atribuída a Bomfim. Ocupando cargos e funções públicas, na área educacional, ora impregnado de poder, ao tempo em que fora, também, crítico contumaz desse mesmo poder constituído, por sua morosidade e por sua ineficiência, principalmente para com a implementação de políticas que efetivamente contribuíssem para instruir e dar cidadania ao povo brasileiro.

¹⁷ JANCÓS, István. “Combatentes do Improvável, Sinalizadores do Futuro”. In: *Rebeldes Brasileiros – Homens e Mulheres que Desafiaram o Poder*. Coleção Caros Amigos. Nº 01. São Paulo: Casa Amarela, 2000. p. 02.

Uma análise, mesmo parcial do quadro educacional da Primeira República, da qual nem Sílvio pode ser poupado (por ter sido menos “radical” para com esta pauta), deixa transparecer a ideia de que a atitude intelectual do momento não se mostrou necessariamente competente em suas práticas para a instrução, incluindo o próprio Bomfim.

Ora postos à margem, ora dentro da ação educadora do ideal republicano de então, eles esbararam-se em devaneios de princípios e em teorias deslocadas da realidade brasileira, ou ainda, em deficiências do próprio aparelho burocratizante. Assim, algumas ideias pareciam radicais, especialmente para as forças conservadoras, rebeldes, talvez. Ou inspirassem a falta e modéstia, presunção, brutalidade.

Nunca é demais lembrar que os dois já viviam um novo contexto de sociabilidade das elites intelectuais, como nos diz José Brito Broca em seu expressivo trabalho sobre a vida literária no Brasil do início do século XX. Para Broca, aquela geração estava se aburguesando junto com a própria República¹⁸, ambos ajustando-se ao novo ambiente, em que pese a polêmica em que se envolveram e que ainda trazia requintes de outrora, como a falta de pudor e fino trato. Nesse particular, que o diga, mais de perto, o próprio Sílvio Romero.

Aos poucos a boêmia literária era substituída pelas livrarias e pelos cafés, a exemplo da tradicional Confeitaria Colombo. A Academia Brasileira de Letras, fundada por Machado de Assis, em 1896, imprimiu novos ares culturais e intelectuais, os quais davam vasão a novas posturas e padrões de comportamento.

(...) Na verdade, à medida em que decaía a boêmia dos cafés, surgia uma fauna inteiramente nova de requintados, de dândis e raffinés, com afetações de elegâncias, num círculo mundano, em que a literatura era cultivada como um luxo semelhante àqueles objetos complicados, aos pára-ventos japoneses de

¹⁸ É sabido que Manoel Bomfim chegou a ser convidado por Machado de Assis para ocupar uma cadeira na ABL, mas havia recusado. Notoriamente boêmio, embora aburguesado, ele se sentiria à vontade com as normas estabelecidas pela nova agremiação literária.

art nouveau.¹⁹

Também o jornalismo ganhou força e esteve entre os meios mais influentes de disseminação das ideias dos intelectuais brasileiros²⁰. A discórdia entre Sílvio Romero e Manoel Bomfim teve como sua matriz geradora as páginas dos jornais cariocas. A tinta carregada de ataques revelou um panorama onde a imprensa se transformou num ringue em que um lado batia sem medida, enquanto o outro se esquivava com um silenciamento que pode inferir inúmeras interpretações: de respeito à indiferença, da estratégia ao suicídio intelectual, de recuo à resolução. Jamais saberemos ao certo pelo pouco que Bomfim nos deu de resposta, salvo a afirmação abaixo:

(...) É um indivíduo que não tem, sequer, o pouco de educação e de bom gosto necessários para mascarar em público os furores da inveja e da cólera. O Sr. Sílvio Romero foi sempre um en-deusador prejudicial e enfadonho, ou xingador destemperado, xingador sem veemência, sem verve e sem brilho, na abundância da “logomaquia” dos degenerados mentais. Dos que conhecem, os que estimam têm-lhe dó; os outros desprezam-no, como bem merece ser desprezado o crítico que só se agita movido pelo ódio invejoso, ou pela reciprocidade do elogio.²¹

Após a Proclamação da República, alguns ânimos se exaltaram, inclusive entre os intelectuais. As refregas não se limitaram ao campo político. E mesmo as posturas políticas eram causas de embates entres os cultos. O parceiro de Bomfim, Olavo Bilac, esteve às voltas com um entrevero com Raul Pompéia. Este episódio foi ainda mais vexatório do que ocorrera com

¹⁹ BROCA, José Brito. *A Vida Literária no Brasil – 1900*. 3 ed. Rio de Janeiro: José Olympio: 1975. p. 20.

²⁰ SEVCENKO, Nicolau. *A Literatura como Missão – Tensões Sociais e Criação Cultural na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

²¹ BOMFIM, Manoel. Uma Carta: a propósito da crítica do Sr. Sílvio Romero ao livro *América Latina*. In: *Anais*. Rio de Janeiro, 74 (1906), pp. 169-170

Sívlio Romero. De igual modo, teria sido um artigo no jornal “O Combate” (1892). Ferrenho defensor do florianismo, Raul acusava Bilac de ter sido autor da matéria onde era chamado de servil e bajulador. O azedamento da rixa levou os dois intelectuais a um duelo que não chegou a acontecer graças a chamada “turma do deixa disso” que evitou uma tragédia.²²

Uma opinião muito interessante para entendermos esse clima belicoso que tomou conta de nossos personagens, tanto Bom como Romero, é a de João Paulo Coelho de Souza, quando este assim analisa a polêmica entre os intelectuais daquela época: “(...) era tratada como uma contenda privada, em que dois escritores se atacam mutuamente, num debate de cunho personalístico, que ganhava mais importância do que a própria defesa das ideias”.²³

Aliás, ainda no campo político, um dado curioso envolve Romero e Bomfim. Na cidade de Lagarto, o último fora mais bem votado do que o primeiro nas eleições para Deputado Federal. O insucesso nas urnas gerou um estigma atribuído a Romero que a mim sempre me pareceu apressado e injusto: a antipatia pela terra natal. É bem verdade que ficara furioso e desapontado com seus eleitores conterrâneos, mas jamais nutriu qualquer tipo de antipatia pelo berço. Que o diga a obra de seu sobrinho-neto, o poeta Abelardo Romero em “Sívlio Romero em Família”.²⁴

Polemista, poderoso e virulento. Radical, rebelde e esquecido. Expressões representativas de dois sergipanos que ocuparam a atenção nacional por algum tempo dos primeiros anos do século XX, envolvidos numa briga intelectual das mais significativas da intelligentsia brasileira. A essa altura, penso que isto me levaria a longas linhas que não me fariam concluir outra coisa a não ser, pelo menos por hora, que se tratou de uma instigante pejeja entre um genial e um genioso, ou vice-versa. Façam suas apostas.

Artigo recebido em 15 de maio de 2014.

Aprovado em 31 de maio de 2014.

²² Cf. PÉCAUT, Daniel. *Os Intelectuais e a Política no Brasil*. São Paulo: Ática, 1990.

²³ RODRIGUES, João Paulo Coelho de Souza. Uma República nas Letras. In: *A Dança das Cadeiras – Literatura e Política na Academia Brasileira de Letras (1896-1913)*. Campinas: Editora da UNICAMP/Cecult 2001. p. 22.

²⁴ ROMERO, Abelardo. *Sívlio Romero em Família*. Rio de Janeiro: Saga, 1960.